

## O conceito de Pensamento Paleológico segundo Arieti

João Carlos Melo\*

### Resumo

A Lógica Aristotélica, que é caracterizada por quatro leis, é a mais comumente aceita como representativa do pensamento normal, considerando-o no seu aspecto formal.

Arieti defende a existência doutra lógica, que denomina de «Paleológica», que era dominante no ser humano no início da sua evolução e que ocorre também em certas características do pensamento infantil e ainda no processo primário (modo de funcionamento do inconsciente).

O mesmo autor considera que essa lógica, que se encontra quiescente, emerge no pensamento esquizofrénico, dominando-o e sobrepondo-se à Lógica Aristotélica.

O paciente esquizofrénico abandona as normas Aristotélicas de pensamento e adopta a forma Paleológica afim de escapar à angústia, porque, ao interpretar a realidade à luz da Lógica Aristotélica, esta é sentida como ameaçadora e insuportável.

Finalmente, Arieti esclarece que os princípios da Paleológica não explicam os fenómenos dinamicamente, apenas formalmente.

O estudo dos mecanismos psicodinâmicos revela o *quê* e o *porquê* (conteúdo e motivação), ao passo que o estudo dos mecanismos formais revela *como* se processam o pensamento e os sentimentos.

**Palavras-chave:** Arieti; Lógica Aristotélica; Paleológica; Esquizofrenia.

### Abstract

The Aristotelian Logic, which is characterized by four laws, is commonly accepted as being

representative of normal thought, when considered in its formal aspect.

Arieti defends the existence of another logic, one that he has designated «Paleological», which was dominant in human beings in the beginning of their evolution, and that also occurs in certain characteristics of infantile thought, as well as in the primary process (manner in which the unconscious operates). The same author considers that this logic, which is quiescent, emerges in schizophrenic thought, dominating and overlapping the Aristotelian logic.

In order to escape from anguish, the schizophrenic patient abandons the Aristotelian norms of thought, and adopts the Paleological form, because by interpreting reality, in light of Aristotelian logic, it's felt to be threatening and unbearable.

Finally, Arieti explains that, the principles of Paleological thought, don't explain the phenomenon dynamically, merely formally.

The study of psychodynamic mechanisms reveals *what* and *why* (content and motivation), while the study of formal mechanisms reveal *how*, thoughts and feelings are processed.

**Key-Words:** Arieti; Aristotelian Logic; Paleological.

A Lógica refere-se às regras que visam a validade das inferências. Inferência é a operação pela qual se conclui uma ideia a partir de outra.

Vejam os seguinte exemplo:

“Se todos os gatos são felinos e o PAF é um gato, então o PAF é um felino”.

Este é um raciocínio logicamente correcto, pois a terceira proposição é consequência das duas primeiras.

Mas consideremos agora este raciocínio:

“Se todas as formigas são elefantes e o meu dinossauro é uma formiga, então o meu dinossauro é um elefante.”.

Ainda que nenhuma das afirmações desta frase seja verdadeira, o raciocínio que lhe está subjacente é válido e, portanto, é também, logicamente correcto.

Em resumo, uma afirmação ou uma frase é formalmente correcta, isto é, é lógica, se os seus raciocínios forem correctos, mesmo que as ideias nelas contidas não sejam verdadeiras.

A lógica trata, então das leis que governam os raciocínios de modo que estes sejam formalmente correctos.

De um modo geral, podemos afirmar que a lógica que rege o nosso pensamento normal é a denominada Lógica Aristotélica.

Embora não defenda esta lógica como o modelo do pensamento correcto num sentido absoluto, Arieti considera-a como um sistema de referência, por ela ser a mais comumente aceite como representativa do pensamento normal.

Consideram-se quatro as leis que enformam a Lógica Aristotélica.

As três primeiras foram formuladas por Aristóteles, enquanto a quarta viria a ser formulada apenas cerca de vinte séculos mais tarde, por Leibniz.

Vejam os que diz cada lei.

A Lei da Identidade diz que A é sempre A, nunca B. Por exemplo, um cão é sempre um cão, nunca um gato.

A Lei da Contradição diz que A não pode ser A ou não A ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Por exemplo, uma determinada bebida não pode ser ao mesmo tempo alcoólica e não alcoólica.

A Lei do Meio Excluído diz que A tem que ser A ou não A, não pode haver um estado intermédio. Por exemplo, uma mulher ou está grávida ou não está grávida, não pode estar meio grávida.

A Lei da Razão Suficiente diz que há uma razão, uma causa para cada acontecimento.

São estas, portanto, as leis que regem, em termos gerais, o pensamento normal e que constituem a chamada Lógica Aristotélica.

Arieti considera que no pensamento esquizofrénico emerge uma outra lógica que estava, digamos, quiescente. Esta lógica opõe-se à lógica Aristotélica e, em maior ou menor grau, substitui esta.

Arieti denominou-a “Paleológica”, que significa “lógica antiga”.

A adopção deste modo paleológico de pensamento ocorre, de acordo com o nosso autor, em todos os tipos de esquizofrenia, de um grau mínimo no tipo simples a um grau máximo no tipo hebefrénico. Mas mesmo neste, não é a totalidade do pensamento que segue esta modalidade. Permanecem ilhas de

pensamento lógico (da lógica Aristotélica), mas estas vão acabando por ser submergidas pelo modo paleológico de pensar.

No tipo paranóide, especialmente nos casos incipientes, o pensamento paleológico emerge apenas quando o doente lida com os seus conflitos e ansiedades, retendo a capacidade para pensar com a lógica Aristotélica quando lida com experiências não ameaçadoras. Por vezes acontece até que ele usa o pensamento Aristotélico para defender conclusões às quais chegou com o pensamento paleológico.

Mas a paleológica, sustenta Arieti, não é exclusiva do pensamento esquizofrénico.

Ocorre também em certas características do pensamento infantil e do pensamento do homem primitivo. Além disso, é própria do chamado processo primário, que caracteriza o modo de funcionamento do sistema Inconsciente, tal como formulou Freud.

“O homem”, afirma Arieti, “dedicou um tempo extremamente longo a libertar-se da sua forma paleológica de pensar... mas importantes reminiscências... permanecem no Inconsciente e estão dispostos a retornar à superfície no estado de sonho e nas condições patológicas, cujo mais típico exemplo é a Esquizofrenia”.

Aquilo que Arieti defende, portanto, é que o ser humano foi adoptando, ao longo do seu processo evolutivo, uma forma Aristotélica de pensar, que se foi sobrepondo, acabando por dominar, uma outra forma mais antiga de pensar, a Paleológica.

Tentemos, agora, caracterizar esta forma de pensar.

Tal como foi formulada pelo seu autor, a paleológica baseia-se em dois princípios.

O Primeiro é baseado, em grande parte, num princípio enunciado por Von Donarus em 1925.

O Segundo refere-se à diminuição ou perda de capacidade para a conotação e à exacerbação da denotação e da verbalização.

Estes princípios, adverte Arieti, não devem ser interpretados nem aplicados com tanta rigidez como as leis físicas. Eles não são provavelmente outra coisa senão fórmulas especiais que ajudam a interpretar certos processos.

Vejamos agora em que consistem.

O primeiro princípio, derivado do de Von Donarus, médico e filósofo alemão que o formulou em 1925 com base nos seus estudos sobre esquizofrénicos, diz que enquanto que a pessoa normal aceita a identidade apenas sobre a base de sujeitos idênticos, a paleológica aceita-a com base em predicados idênticos.

Um predicado é, por definição, algo que diz respeito ao sujeito. Existem predicados de qualidade e de contiguidade.

Predicados de qualidade consistem em qualidades do sujeito, concretas ou abstractas, ou algo que faça parte do sujeito, como ser branco, honesto, atraente, grande, pequeno, irritante, inteligente; as possibilidades são infinitas.

Predicados de contiguidade embora digam respeito ao sujeito, não fazem parte dele. Podem referir-se a contiguidade temporal

ou espacial. Na primeira, duas situações ou experiências podem ser identificadas uma com a outra por terem ocorrido na mesma altura. Na segunda, duas situações ou experiências ou pessoas podem ser identificadas entre si por terem ocorrido no mesmo local.

No pensamento paleológico, dois sujeitos diferentes serão considerados idênticos se tiverem predicados idênticos. Por exemplo, se Pedro é inteligente e Júlio é inteligente, então Pedro é o Júlio.

Se tivermos agora em conta que os predicados podem ser múltiplos, o pensamento paleológico pode parecer bizarro, imprevisível e, muitas vezes, incompreensível. Arieti apresenta o caso duma paciente que afirmava ser a Virgem Maria. Esta convicção é aparentemente bizarra. No entanto, pode tornar-se inteligível se percebermos qual o raciocínio subjacente. Neste caso seria o seguinte: "A Virgem Maria era virgem; eu sou virgem; então, eu sou a Virgem Maria".

Os predicados das duas premissas são idênticos (a virgindade), logo, os sujeitos (a paciente e a Virgem Maria) são idênticos.

Este é apenas o aspecto formal da questão. E é disto que a lógica trata. Mas se a tentarmos compreender psicodinamicamente podemos admitir uma motivação para a mesma. Arieti adianta a hipótese de que esta paciente sentia uma profunda necessidade de se identificar com a Virgem Maria, por esta constituir para ela um ideal de perfeição e de que, ao mesmo tempo, sentia a necessidade de negar os seus sentimentos de desvalorização e inadequação.

Uma outra paciente, citada por Bleuler, afirmava ser a Suíça. Neste caso, o raciocínio subjacente era: "A Suíça ama a liberdade; eu amo a liberdade; então, eu sou a Suíça".

Vejamos, ainda, outras duas situações que não a esquizofrenia e que são exemplificativas deste processo.

Na situação transferencial há uma necessidade emocional para repetir com o analista padrões de relação que tinham surgido originalmente com os pais. Mas um outro factor a considerar é que as duas situações têm predicados em comum.

A outra situação diz respeito àquilo que na literatura psicanalítica tem sido referido como símbolos universais (ou pessoais). Estes são, geralmente, objectos cujos elos de identificação são predicados de qualidade.

De um ponto de vista formal, lógico, o simbolismo inconsciente pode ser entendido deste ponto de vista.

Um elemento pode simbolizar outro por um predicado comum a ambos. Vejamos alguns exemplos:

Uma cobra pode simbolizar o pénis pela forma.

Um rei pode simbolizar o pai pelo poder e autoridade.

Uma caixa pode simbolizar a vagina pela característica de ser um recipiente para conter algo dentro de si.

Retomemos o primeiro princípio da paleológica.

Este princípio anula as três primeiras leis da lógica Aristotélica. Vejamos:

- A Lei da Identidade diz que A é sempre A, nunca B. Segundo este princípio, B pode ser A, desde que tenha uma qualidade de A. Por exemplo os anjos são pássaros porque ambos têm asas.

Outro exemplo: uma doente do nosso serviço tinha a convicção delirante de que era filha da rainha de Inglaterra. Ela sofreu uma descompensação aquando da visita da rainha ao nosso país. Nessa altura, alguém lhe disse que as suas roupinhas de bebé, que tinham umas rendas, eram “dignas duma princesa”. Havia aqui um predicado comum, a ela e à princesa, o “vestido digno de uma princesa”. Se o vestido digno duma princesa era dela, então ela era uma princesa. Estando em Portugal a mãe da Princesa, então a mãe da princesa era a mãe dela própria. Portanto, ela era filha da Rainha.

- A Lei da Contradição diz que A não pode ser A e não A ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Segundo este princípio, A pode ser A e B (isto é, não A), desde que A e B tenham uma qualidade em comum. Por exemplo: Se eu for internado no HSM, vou morrer lá, porque a minha avó quando ficou doente foi para lá e morreu.
- A Lei do meio excluído diz que A tem que ser A ou não A, não pode haver um estado intermédio. Segundo este princípio, A pode ser o resultado, o composto de A e B. São exemplos alguns desenhos de esquizofrénicos que representam numa única figura características masculinas e

femininas. E também certos neologismos que resultam da aglomeração de duas palavras distintas.

- Quanto à quarta lei, a da Razão Suficiente, vimos já que ela diz que há uma razão, uma causa para cada acontecimento, isto é, para um acontecimento físico a causa é física.

O pensamento paleológico, confundindo o mundo físico com o mundo psicológico, procura uma motivação ou intenção pessoal como causa desse acontecimento.

Esta lógica está subjacente a situações como certos delírios de culpa, em que o doente crê convictamente que, pela sua maldade, provocou certas catástrofes ou acidentes; e também a certos casos de pacientes que estão delirantemente convencidos que, com o poder da sua mente, podem modificar o rumo de certos acontecimentos.

Debrucemo-nos, agora, sobre o segundo princípio da Paleológica. Ele refere-se à diminuição ou perda da capacidade para a conotação e à exacerbação da denotação e da verbalização.

Tomemos como exemplo “MESA”:

- A conotação refere-se ao sentido ou definição do termo: objecto de mobiliário com tampo e pernas. Corresponde a um pensamento.
- A denotação refere-se a uma mesa em particular, uma mesa específica, aquela mesa como entidade física. Corresponde a uma coisa.

- A verbalização refere-se ao termo como palavra (“Mesa”), ou seja, a entidade fonética ou fonema. Corresponde a uma palavra.

No pensamento paleológico os símbolos verbais deixam de ser representativos de um grupo ou classe, passando a ser representativos apenas do objecto específico que o indivíduo considera no momento. O gato, por exemplo, deixa de ser membro dos felinos para ser apenas aquele gato que está naquela cadeira. É o pensamento concreto.

Os processos mentais podem ser estimulados pela verbalização. As ideias são associadas não pelo seu sentido, mas pela qualidade fonética das palavras que as representam (associação por consonância).

Quanto ao pensamento concreto, não se trata da redução do psíquico a um nível concreto, mas de um processo de concretização activa. O esquizofrénico é ainda capaz de abstrair, mas este processo é tão ansiogénico e sentido como desintegrador que ele promove uma concretização das representações. Por exemplo, um paciente paranóide diz que a mulher lhe quer envenenar a comida. Na realidade ele sente que a mulher lhe estraga, destrói, “envenena” a vida, pelo que transforma isto num aspecto concreto, menos ameaçador, apesar de tudo: veneno para a comida.

Estes princípios não explicam os fenómenos dinamicamente, apenas formalmente.

O estudo dos mecanismos psicodinâmicos, revela o QUÊ e o PORQUÊ (conteúdo e moti-

vação), ao passo que o estudo dos mecanismos formais revela COMO se processam o pensamento e os sentimentos.

A questão que, neste momento, se torna pertinente colocar é a seguinte: Porque é que, na Esquizofrenia, emerge esta forma paleológica de pensar?

No sentido de a abordar, consideremos as seguintes ideias defendidas por Arieti:

- “Um estado extremo de ansiedade, originado na primeira infância, produz uma vulnerabilidade que permanece durante toda a vida do indivíduo”.
- A carência de segurança (alguns autores chamam “segurança básica”, outros “segurança ontológica”) determina um estado de ansiedade como o atrás referido. Esta ansiedade não é de qualquer tipo, é aquela que lesa a auto-imagem e que é experienciada como um perigo interno.
- Aquilo que a criança precisa para sentir essa segurança são: amor, amparo, aprovação.
- Não conseguindo alcançar a almejada segurança, tenta adaptar-se à realidade, modificando-se a si mesmo. Quando não o consegue, tenta, então, mudar a realidade. Mas como não é possível mudar a realidade, o paciente tem que modificar-se de novo, a fim de ver a realidade de forma diferente.

Os mecanismos que tem à sua disposição são, do ponto de vista formal, fundamentalmente, os mesmos para cada paciente: são inerentes

à natureza humana; são mecanismos rudimentares, arcaicos, ocultos muito tempo no processo inconsciente.

A capacidade de ressurgimento dos mecanismos primitivos constitui ocorrência comum na patologia. Por exemplo, nas doenças de coração, quando está afectado o nódulo sino-auricular, o nódulo auriculo-ventricular, o mais antigo, passa a comandar a frequência cardíaca.

Isto é verdade, defende Arieti, para a psicopatologia como o é para a patologia geral.

Este ressurgimento de formas mais arcaicas de funcionamento denomina-se regressão.

O paciente abandona as normas Aristotélicas de pensamento e adopta a forma paleológica, a fim de escapar da angústia, porque, ao interpretar a realidade à luz da lógica Aristotélica, esta é sentida como ameaçadora e insuportável.

A nova lógica permite-lhe ver a realidade como ele necessita, e, assim, não existe nenhuma persuasão Aristotélica que o convença de que está enganado: ele tem razão segundo a sua própria lógica.

A esquizofrenia é, então, considerada “uma reacção específica a um estado extremamente

intenso de ansiedade, originada na primeira infância e reactivada depois ao longo da vida.”.

Esta reacção acaba por se manifestar “quando o doente não encontra nenhuma outra solução, nenhuma outra capacidade de regulação ou ajustamento”.

Esta afirmação não é uma definição da doença!

Mais: Arieti admite a existência de factores de natureza biológica, psicológica e social na etiopatogenia e evolução da doença.

Aquilo que a ideia pretende traduzir é “o conceito fundamental da interpretação dinâmica da Esquizofrenia.”.

#### **Bibliografia:**

Arieti, S. (1955). “Interpretación de la Esquizofrenia”. Editorial Labor S.A., Barcelona, 1965.

Arieti, S. “Interpretation of Schizophrenia”. 2nd Edition. Basic Books, Inc. International Universities Press, New York, 1974.